

ALMEIDA REIS

► "Comprei passagem de avião através da rede e o negócio funcionou perfeitamente"

PÁGINA 8

CULTURA



PÁGINA 1 - HOJE EM DIA, Belo Horizonte, terça-feira, 12/8/2003

ENTREVISTA MAKELY KA

SOLITÁRIO SOLIDÁRIO

ALÉCIO CUNHA
REPORTER

Há 40 anos, em agosto de 1963, a reitoria da então UMG (Universidade de Minas Gerais, depois UFMG) sediava a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, trazendo à capital mineira o experimentalismo de nomes como os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, o paranaense Paulo Leminski (então, com 18 anos), Décio Pignatari, Benedito Nunes, Luís Costa Lima, os mineiros Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo. Para que a data não passasse em branco, o poeta, cantor e compositor belo-horizontino Makely Ka criou os

"Três Dias de Poesia de Vanguarda", delta de atrações. Hoje à noite, ele lança, na Livraria da Travessa, o livro "Ego Excêntrico". Amanhã, no mesmo horário, no Centro de Cultura Belo Horizonte, discute os rumos da poesia contemporânea. Quinta-feira, canta ao lado de outros músicos, no Asmare Reciclo Cultural.

A capa de "Ego Excêntrico" traz, em primeiro plano, a reprodução fotográfica em preto-e-branco de um umbigo. Trata-se de mais uma das ironias do autor, poeta sem papas na língua. Farto do individualismo de feições neoliberais que comanda o verso contemporâneo no Brasil, ele vem colhendo o sucesso nos meios intelectuais, como um dos nossos mais talentosos artistas da nova geração.

"Ego Excêntrico" é dividido em várias seções, sendo bem mais amplo que seu trabalho anterior, "Objeto". Que diferenças existem entre os dois trabalhos?

Quando lancei meu primeiro livro, estabeleci um critério muito rígido. Ele tinha só poemas metalinguísticos. Exclui todos aqueles que não se enquadravam nesse padrão. Então, há uma produção anterior ao primeiro livro e toda a produção posterior, de 1998 para cá. A partir daí, comecei a trabalhar com música, profissionalmente, e isso deu uma outra dimensão ao meu trabalho. A música é um veículo de comunicação poética muito poderosa que atinge muitas pessoas e de outras formas. Sempre procurei todas as formas de trabalhar com a palavra. Interessa-me a poesia em todos os sentidos, desde a performance, a música, a intervenção, o mural, a poesia falada, a poesia em vídeo e a poesia escrita. Acredito que esse livro tentou reunir toda essa produção poética.

Seu livro traz um CD com poemas. Como é sua relação com o universo da oralidade e de que modo isso reverbera em seu processo de criação?

Acompanha o livro um CD com poemas para serem ouvidos. Dentro do livro, existem também as "Canções de Ouvir Com os Olhos", que são as letras das minhas composições. Há um capítulo com poemas para serem lidos em alta voz, com uma inspiração beat, que remete também a Maiakóvski, e que funcionam mais para serem ouvidos do que lidos. Há também os poemas visuais, que são textos onde eu exploro a visualidade das palavras, o que é uma influência da poesia concreta e também das artes plásticas. Para conseguir reunir isso tudo, fiz um produto que desse às pessoas um prazer no manuseio. Ele é do contra, para ser lido ao contrário.

Seu propósito foi a interação com o leitor...

O livro induz ao manuseio. Quando começa a manusear, já está sentindo um prazer tátil, como os livros em árabe e em japonês. Como ele é todo subdividido em capítulos independentes, não obriga quem o lê a uma leitura linear. Aliás, é dessa forma que eu leio poesia. De trás para frente.

"Ego Excêntrico", a começar pelo próprio título, dialoga com a obra de Paulo Leminski, em especial "O Ex-Estranho". Leminski também estreou como "poeta pensante" na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, realizada em Belo Horizonte, em 1963. Que papel ele exerce em sua fruição literária?

Acho Leminski a principal referência da poesia brasileira dos anos 80 para cá. Sempre me interessei pela obra dele como um todo: a obra crítica, poética, o trabalho musical. Ele era um agitador cultural. Minha atuação se espelha muito no Leminski e no Torquato Neto, dois autores que exploram uma concepção da poesia em sua totalidade. Faço parte de uma geração que tem um ideal utópico de viver da minha produção poética. Por isso, preciso fazer um livro competitivo, com uma divulgação intensa. Quero dar continuidade a outros projetos. Faço saraus, shows. E isso não é fácil. A gente depende das leis de incentivo, dos patrocinadores e, principalmente de formar um público que ainda não existe. Por isso, a gente está sempre dando oficinas, produzindo debates e escrevendo artigos. Dei aulas nos cursinhos pré-vestibulares. Conheci a viúva do Leminski, Alice Ruiz, em Ouro Preto. Conheci também a filha dele, Estrela, que tem a banda Ouvirundum, que canta músicas minhas. Mantemos um diálogo constante. Outro vínculo com Leminski é Itamar Assumpção, que é uma referência tanto pela obra, como pela forma independente de produção. O Itamar acabou me levando a uma parceria com a Tata Fernandes.

Um dos elementos que mais chama atenção em seu trabalho é a recusa do individualismo, tão comum numa época de competição desmedida. Você trabalha com um grupo de cantores e músicos e leva a poesia para essa geografia coletiva, baseada em constantes trocas de informações e idéias. Quais as vantagens desta sua gestão solidária coletiva?

A gente está em um momento de individualismos exacerbados. Acredito que essas iniciativas coletivas são necessárias nesse nosso instante. E isso é culpa dos efeitos perversos da globalização e do neoliberalismo, de um capitalismo esquizofrênico. Existe uma falta de as pessoas se encontrarem. Faltam mais projetos em comum, como o "Reciclo Geral" e o "A Outra Cidade", que realizei com o Pablo Castro e o Kristoff Silva e a Maisa Moura, agregando outros músicos.

Como analisa seu trabalho como editor, com a criação da "sê-lo editorial", que vem apostando em autores novos e munidos de propostas experimentais?

Temos agora o trabalho da editora, que é uma iniciativa feita para a publicação de nossos próprios livros: eu, o Sérgio Borges e o Renato Negrão. A gente não tem mais a ilusão de ser publicado por uma grande editora. Resolvemos montar nossa própria editora, criar nossas formas de produção e, eventualmente, publicar outros novos autores. É importante também lembrar que esse livro só foi possível através da lei estadual de incentivo. Ela tem defeitos, problemas, mas é o único meio que a gente tem para realizar produtos acabados como ele. Não se pode simplesmente acabar com ela.

"Três Dias de Poesia de Vanguarda" - Lançamento do livro "Ego Excêntrico", de Makely Ka. Hoje, às 19 horas, na Livraria da Travessa (Avenida Getúlio Vargas, 1405, Savassi). Palestra do autor no projeto "Janela do Caos", amanhã, às 19 horas, no Centro de Cultura Belo Horizonte (Rua da Bahia, 1149). Festa-show, quinta-feira, às 21 horas, no Reciclo Asmare (Avenida do Contorno, 10.564).

MAISA MOURA

